

RONALDO CORREIA DE BRITO

Dora sem véu

ALFAGUARA



Copyright © 2018 by Ronaldo Correia de Brito

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Daniel Trench

Foto de capa

Jorge Bodanzky/ Instituto Moreira Salles

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Renata Del Nero

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Brito, Ronaldo Correia de
Dora sem véu / Ronaldo Correia de Brito. – 1ª ed.
– Rio de Janeiro : Alfaguara, 2018.

ISBN: 978-85-5652-067-8

1. Ficção brasileira I. Título.

18-14422

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

1

Todos pagam promessa ao Santo e se livram de algum mal.

Eu saldo as dívidas do pai.

Dora.

Lembro o nome e os currais de gente, cercados por arame farpado. Neles, perambulando famintos à beira da inanição, homens, mulheres e crianças, futuros cadáveres sem identidade.

O relâmpago clareia os romeiros deitados na carroceria. Afonso puxa o véu da noiva sobre ele e cobre o rosto. Talvez deseje se proteger dos mosquitos ou tocar com as pontas dos dedos a barba que atravessa o tecido fino. As lonas não resguardam da chuva forte. Chamo Afonso, machuco seu tórax com o sapato. Ele segura minha perna e tenta me derrubar. Tenho pernas grossas, iguais às de Dora, o pai me revelou envergonhado. Essa e outras semelhanças. Será que ele via as pernas de Dora, sempre cobertas pelos vestidos longos? Em algum relance, talvez. Musculosas e firmes, perfeitas para as grandes caminhadas. Ou quando a mãe tomava banho com os filhos pequenos, nus como vieram ao mundo. Não havia rios, poços ou açudes nas longas estia-gens, faltava água até mesmo para beberem.

Resisto, me apoio a uma viga e continuo de pé. Raios iluminam o céu e amedrontam, orações nada podem contra eles. Devemos nos abrigar em um posto de gasolina, informa o ajudante de motorista. O rebanho se agita, cabeças se erguem. Os relâmpagos e trovões amenizam, estertoram leve, como a cauda decepada de um réptil. O caminhão manobra bruscamente para a direita.

— Dora viajava a pé com os filhos, dias e noites.

O pai me contou.

— As estradas são sempre as mesmas, levam ao esquecimento. Gostava de sentenças trágicas, nunca perdera a fala do sertão.

Ao prenúncio de chuva o rebanho se aconchega entre as tábuas da carroceria. Caem pingos no calor sufocante e se evaporam antes de tocarem o chão. A tarde de sol muda bruscamente em noite escura. De pé, olho o asfalto e as árvores assombrando as margens da estrada. Não canto. Nunca soube cantar. Ouço as vozes subirem do piso do carro, impressões da viagem que começa. Afonso imita os romeiros, rastreia melodias e versos, mas não acha timbre que se harmonize com as outras vozes. Dá pena e vontade de rir. Toco sua cabeça, percebo a febre, talvez uma insolação. Antes de partirmos os jornais do Recife noticiavam uma epidemia de meningite. Falo sobre o meu temor e ele sorri desdenhoso. A jovem em trajes de noiva, sentada ao nosso lado, presta atenção na conversa e se aproxima de Afonso. Quando todos se deitam, receosos de um temporal, meus pés descalços separam os dois, o direito toca o rosto quente do marido, o esquerdo a testa suada e fria da garota. Se veículos cruzam com faróis altos, vejo o rebanho apascentado. A luz transitória dos relâmpagos projeta cenas de um filme escuro, fragmentos de uma narrativa fantástica: a mãe, o pai, o irmão e a noiva convalescente, o rosto magro e pálido de quem escapou à morte.

Cantam, desde que partiram. Interrompem apenas quando comem ou descem para estirar as pernas. Avisto o céu lateralmente, uma lona nos cobre, sustentada por vigas de madeira. As nuvens de novembro se tornaram escuras. Desejo que a chuva afugente o cansaço, alivie nossas queixas. Absolvidos das promessas, poderíamos retornar às nossas casas antes mesmo de chegar ao Juazeiro, para onde Dora seguiu esperançosa, há muitos anos.

— Beba água, ordeno a Afonso, mas ele não me escuta.

O ajudante baixa uma lona acima da cabine e outras laterais à carroceria do caminhão. Pula sobre as tábuas improvisadas em

assentos, procura espaço onde firmar os pés. Corpos comprimidos, as cabeças baixas, o rebanho não se queixa do desconforto nem da falta de segurança. Habitou-se a não reclamar de nada. Sou a única erguida, procurando enxergar lá fora, entre as emendas das lonas. Um relâmpago nos clareia e logo escutamos a trovoada. Cai chuva e as vozes tentam se elevar acima do barulho, cantando os mesmos lamentos sobre a morte e a salvação. E se eu não encontrar Dora? A pergunta risca meu peito, um relâmpago no céu escuro. O pai exumou-a tarde demais, apenas quando sentiu haver chegado ao fim. A memória mantinha o pai vivo, lances de traição reprisados, obsessivamente.

— O vapor ancorava longe do cais. Foi necessário tomar um barco pequeno, transpor muita água até chegar nele.

Falava indiferente à minha perplexidade:

— Assim é, enquanto durar o remorso, dura a culpa.

Conheço a sentença, mas esqueci quem a escreveu.

— A memória feminina é fraca.

O pai afirma com a intenção de me chatear.

— E por que me escolheu para ouvir sua história e fazer a viagem?

O pai deixou escapar o primeiro sinal de morte quando declamava os versos sobre a casa em ruínas. Nunca perguntei se era a casa onde havia nascido.

Mesmo tendo escutado o longo poema uma centena de vezes, eu largava o que estivesse fazendo e o ouvia novamente. Apaguei o poema da memória e hoje sou incapaz de repetir um único verso. A doença chegara à fase da tosse e dos engasgos, escutar o pai se tornara penoso. Um dia, lá pela sexta ou sétima estrofe de sua declamação, a memória falhou e ele não conseguiu prosseguir. Sem ter como ajudá-lo, permaneci em silêncio, à espera.

— O senhor está cansado? Quer um pouco de água?

Seu rosto ficara inteiramente roxo, precedendo o acesso de tosse e a falta de ar. Olhou-me em pânico.

— Esqueci os versos, estou acabado.

Habituara-se a simular que era uma pessoa digna e dessa maneira evitava sentir-se um impostor. No Recife, aonde chegou menino, entregou-se à crença de ser outro e persistiu nessa alucinação dirigida, até quando a morte veio cobrar seu quinhão. Compreendeu que lhe restava pouco tempo. Apressou-se em contar sua história e legar-me o fardo.

2

Lembro um acontecimento de infância, quando ainda nem completara cinco anos. Acompanhei a procissão de uma santa peregrina, de passagem pelo Recife. Bernardo vai rir da minha aventura católica, talvez descubra um enredo para um novo romance.

Naquela idade eu não conseguia imaginar os milhares de pés descalços e os sapatos sob as luzes pairando como um céu baixo. As velas acesas ocupavam uma praça, brilhavam mais do que os globos nos postes. Improvisando cones de cartolina, os fiéis se protegiam da parafina quente que escorria e queimava suas mãos. O pai se esforçava para que a filha assistisse ao espetáculo luminoso de cima dos seus ombros, escanchada como num cavalo.

A menina não gosta de montarias, prefere a firmeza do chão ou a cabine de um carro. Enfia os dedos e se sustém na cabeleira do pai, uma crina loura e lisa. A mãe, pequena e bondosa, se alonga nas pontas dos pés, mas não enxerga além das espáduas à sua frente, homens e mulheres de branco, fitas azuis atravessadas no peito. Ao contrário do marido possui fé, se comove com os louvores e vivas, as exortações à piedade e à vida eterna. Caminham bastante, parecem percorrer toda a cidade. Com o tempo e o cansaço, as paisagens se misturam e confundem. O pai mostra a praça, a igreja e o contorno sobrenatural de lâmpadas, as residências dos proprietários de engenho, usadas nos finais de semana para as missas, novenas e festas.

Milhares de pés comprimem o solo arenoso da cidade plana, atlântica e fluvial, salva das águas que ameaçam afogá-la nas enchentes e marés altas. O mar se transforma em nuvens e o rio serpenteia entre as terras úmidas, formando ilhas e manguezais lamacentos. Os poderosos engravidaram as esposas e as criadas, resguardados pelo silêncio. Palavras se depositaram em frases e histórias familiares, como

os corais dos arrecifes, gerando enredos de ódio, vingança, inveja, incesto e traição. A mesma história recontada de mil maneiras. Nem um dia se passa, nem um minuto ou segundo sem um morto, recitava o pai, citando algum poeta cujo nome nunca lembrava. Um dia a mãe pequena e bondosa perdeu a fala, depois os movimentos e a deglutição, só respirava por aparelhos. Por último, imobilizada num leito, abria e fechava um único olho. Até que esse olho parou de se abrir.

Sozinha, quando penso em Dora, não me lembro mais de muita coisa.

Não que eu esteja propriamente sozinha, o corpo febril de Afonso transpira e molha minha blusa, me trazendo de volta à viagem. O remédio faz efeito. Quarenta gotas talvez seja muito, pensei em dizer, mas o médico é ele. À nossa direita, sentada na mesma tábua, a mãe da noiva nos oferece almoço e mastiga. O sol promete esquentar. Do asfalto sobem ondas de calor iguais às do deserto e entre as onze e as cinco da tarde ficaremos delirantes. Desprovido de nuvens, o céu ganha as amplitudes do cinema épico.

Carcaças de bois espreitam nas margens do caminho, as órbitas vazias miram os carros em velocidade. Distraio-me contando. Vacas, bois e bezerros mortos de fome e de sede. Nós também nos sacrificamos na carroceria de um caminhão, o corpo mal acomodado em tábuas. Não descubro sentido em nosso sacrifício.

Os romeiros cantam desde quando partimos, de madrugada. Não param com receio de quebrar a ordem sobrenatural que sustenta o mundo. Alguns benditos sete vezes, para dar vida e movimento, influenciar os seres celestes. Ou doze, o número do povo de Deus, da Igreja triunfante. Não consigo deixar de examiná-los como socióloga em viagem de pesquisa. Fiz o mesmo percurso durante o mestrado e o doutorado, com motivações bem diferentes, políticas, eu imaginava na época.

Agora, se penso em Dora, acredito que o significado de tudo é ela.

Sou neófita em romarias, seria mais fácil se colhesse material para uma monografia. Mas o tempo de estudante passou, sinto-me velha

e cansada, necessito de ajuda para subir na carroceria do caminhão. Reponho o protetor solar a cada hora, me hidrato, toco em Afonso, verifico se a febre cedeu. Ele ri, cético, me ensina a usar o dorso da mão em vez da palma. Seria melhor se tivéssemos um termômetro. Nem vale a pena perguntar se as pessoas trouxeram algum, esse cuidado não faz parte de suas vidas, elas nem costumam beber água mineral, não têm o hábito e custa caro. Unidos pelas tábuas em que sentamos juntos, resguardados do sol pela mesma lona amarela, viajamos por razões diferentes.

Afonso aceita o almoço que a família lhe oferece e come macarrão, farofa, arroz, galinha cozida e feijão. Tudo misturado numa pequena bacia de plástico. A mãe se chama Maria do Carmo, o pai, Josué, o garoto, Sandro, e a moça, Daiane. A moça leva um pedaço de carne à boca de Afonso, num gesto de aparente inocência que realça a beleza dos seus vinte anos, maltratados pela enfermidade. Estranho a rapidez com que todos se tornaram íntimos.

Olha-se à direita ou à esquerda e avistam-se os mesmos garranchos secos a ponto de incendiarem, cascalhos, pedras e casas abandonadas. Aqui e acolá cabritos soltos. Ninguém sabe de onde vieram, se possuem donos e como sobrevivem à estiagem. As pessoas abandonaram as casas, arrancaram portas e janelas, deixando que o vento entrasse e cobrisse tudo de poeira. Nem os gestos, as funções e os atos permaneceram. Suas histórias também foram apagadas. Não resta ninguém, todos partiram por caminhos sem retorno.

Sou a única procurando reaver a memória do pai.

Embora eu tivesse feito uma dezena de viagens ao Juazeiro, nunca me senti no lugar de romeira. Meus estudos se ocupavam da atuação dos americanos através do projeto Aliança para o Progresso, uma parceria com o governo brasileiro, que se fortaleceu na ditadura militar. A escolha do campo levou em consideração as facilidades de deslocamento e o apoio de familiares residentes no Crato. O segundo tema de pesquisa tratava dos folhetos de cordel, bastante lidos nas cidades do Nordeste, e das tipografias especializadas nessa literatura.

Durante mais da metade do século xx, imprimiram-se muitos folhetos, e as vendagens alcançaram cifras tão elevadas que os estudiosos viram no acontecimento um importante fenômeno editorial, mesmo se tratando de impressões rústicas. Os pesquisadores levavam em conta o número de poetas e xilogravadores vivendo da sua produção.

Boa parte dos cordéis trata de um milagre ocorrido em Juazeiro, e de um padre elevado à categoria de santo pelos devotos romeiros. Mantive-me distante do fenômeno religioso, focando os estudos na produção e no capital gerado pelos folhetos e na relação de assistencialismo da Aliança para o Progresso. Circulava no meio de pessoas de todos os lugares, decididas a se estabelecerem na cidade, se dizendo atraídas pelo sagrado. Mas nunca me ocupei desse fenômeno migratório contínuo. A cartilha de esquerda definia que se tratava de fanáticos manipulados pela Igreja e pelo Estado e me convenci da veracidade dessa interpretação. O verniz ateu do pai e o curso de sociologia reforçaram minha crença nessa mentira.

Deixo o hotel bem cedo, preciso ir ao Crato, onde mora Bernardo. Desde o Recife agendamos o encontro. Afonso não aceita me acompanhar na visita, sei que ele e o primo preferem conversar sozinhos. Embora raramente se avistem, os dois guardam amizade e segredos, conviveram um tempo depois de se formarem em medicina num hospital de Bernardo. Afonso supõe que ignoro sua vida clandestina. Se escrevo a narrativa da nossa viagem como alguém que estivesse presente a todos os acontecimentos, é porque li as anotações deixadas por ele, depois que desapareceu. Seria mais fácil transcrevê-las. Mas trata-se de uma escrita desconexa, incompreensível para outra pessoa além de mim. Imagino tudo isso, não tenho certeza se conseguiria ordenar o que não possui ordem. Afonso delirou na viagem e durante os dias que ficamos em Juazeiro, à espera de um milagre.

O rapaz que viaja à minha frente no trem não olha com bons olhos um senhor de meia-idade fazendo anotações numa caderneta. Trata-se de um escritor famoso, já conversamos em algumas ocasiões, embora eu não goste do que escreve e procure evitá-lo. Há muitos

desses intelectuais com gravador, máquina fotográfica e caderno de notas, infiltrados entre os romeiros. O rapaz veio de uma cidade distante morar no Juazeiro. Hospedou-se na casa do sogro com a esposa e dois filhos, vai procurar trabalho no Crato, na única profissão que aprendeu: a de vaqueiro. Não parece fácil. Boa parte dos rebanhos morreu em três anos de estiagem. Se não encontrar emprego, voltará ao seu lugar de origem. Não bebe em respeito aos pais da esposa, ambos evangélicos. Também não sai de casa à noite e não gosta de responder a perguntas, confessa ao homem que o interpela e registra sua fala. Nem o dinheiro da passagem de volta ele possui. O jeito será fazer o percurso a pé, catorze quilômetros. Nada pede ao escritor, a confissão de indigência fere seu orgulho. Recebe com dignidade os dois reais que o homem voluntariamente saca da carteira e, ao descer do vagão, não o cumprimenta nem olha para trás.

Desde que cheguei percebo sinais de violência nos lugares e gestos das pessoas. Um homem sentado junto a mim não disfarça uma faca presa ao cós da calça, coberta pela camisa frouxa. Seus olhos me investigam e sinto medo. Troco de lugar, fico ao lado do escritor que não aprecio. O desconhecido levanta e se aproxima de mim. Antes de passar ao outro vagão, perde o equilíbrio e tomba de lado. Na queda, aperta o meu ombro com força e me empurra. Grito. Nenhum passageiro se importa com a minha aflição, nem mesmo o escritor ocupado com o caderno de notas.

As ranhuras nos vidros das janelas são propositais? Mal se enxerga a plenitude da miséria em torno, o lixo descendo pelas encostas, restos de mato, poças d'água e riachos que no passado eram exuberantes e agora são indefinidos como as pinturas de um Monet velho e quase cego. Nos painéis das ninfeias, uma paisagem aquática com plantas, galhos, reflexos de árvores e nuvens. Aqui, as imagens da natureza destruída assombam o senhor de barba e cabelos grisalhos, que me confessa ter feito o mesmo percurso, muitos anos atrás. Um tempo suficiente para ele também sofrer mudanças e cobrir-se com outras formas de lixo. Anota impressões no caderno, frases que lhe parecem falsas e vazias. Compara os rabiscos à sujeira atirada nos barrancos pelos moradores do lugar. A intimidade me constrange, não gosto que

me abordem da maneira como abordo meus entrevistados. As pessoas olham para mim e começam a falar de seus receios e angústias, nem sequer me perguntam se desejo ouvi-las. Saí parecida à minha mãe, muitos entravam em nossa casa para se queixar de aflições, pediam ajuda, choravam. Mamãe largava o que estivesse fazendo, sentava, ouvia, e ninguém ia embora sem consolo. O pai recriminava a doação a troco de nada, fechava nossa porta. Somente quando me revelou a história de Dora, compreendi o seu caráter.

Faz calor, os vagões fechados não refrigeram bem. Antes, abriam-se as janelas.

Felizmente o trem chega ao destino. As pessoas descem vagarosas. O vaqueiro ficou duas estações atrás: duro, cruel consigo mesmo. Igualmente rígido, o escritor se levanta. Sem despedir-se, desaparece ao longe.

Acenam do interior de um carro. É Bernardo. Subiremos a encosta da serra até sua casa, onde mora sozinho, em meio ao que restou da floresta atlântica. Depois de cinco casamentos, também se considera um sobrevivente. Se pelo menos não tivéssemos de conversar sobre a arte e suas tendências, realismo e pós-modernidade, atrapalhados e cheios de meias verdades banais. Decerto não resistiremos aos nossos vícios, que nos tornam piores do que somos habitualmente.

3

A amizade com o primo do meu marido se fortaleceu numa viagem que fizemos juntos.

Bernardo quis percorrer os quilômetros que o separavam da fazenda onde havia nascido e convidou-me para acompanhá-lo. Fizemos o percurso inverso ao de quando ele deixou o sertão e foi morar no Crato, ainda criança. Subimos a serra do Araripe, atravessamos cidades, passamos ao largo de outras e, por fim, chegamos à cabeceira do rio Jaguaribe, a uma vila com restos de arquitetura colonial e a lembrança do passado de riqueza e guerras entre famílias.

Nossa viagem tinha um motivo, Bernardo finalizava um romance e sua memória regressara ao lugar de origem. Os personagens se moviam no Recife urbano, mantendo um pé no sertão. Bernardo acredita, como alguns filósofos do século XIX, que toda arte pode se tornar mito uma vez mais e representar a totalidade do universo. A cultura sertaneja, por mais que apontasse para a desintegração do mundo e de seus valores, parecia guardar os últimos resquícios de uma sociedade mítica.

A desculpa do primo era reencontrar um apanhador de algodão e perguntar quantos quilos apanhava num único dia. Feita a pergunta, Bernardo retomaria a escrita do romance. Ele afirmava que nos bons tempos, quando o Nordeste brasileiro se transformara em grande produtor, um homem colhia, sem a ajuda de maquinários, noventa quilos de capuchos. Guardava a lembrança de que Luís Ferreira, vizinho de terras do seu pai, alcançava as doze arrobas, cento e oitenta quilos. Que importância tinha o valor numérico? Nenhuma. O questionamento era raso como o chão duro, que não se deixa perfurar. Mas o romance emperrara na incerteza. Os escritores são pessoas movidas pela dúvida.